



## Maldade, drogas ou desespero: o imaginário sobre a mãe que abandona seu bebê

Wickedness, drugs or despair: the imaginary about a mother who abandons her baby

Maldad, drogas o desesperación: el imaginario sobre la madre que abandona a su bebé

Marcela Casacio Ferreira-Teixeira  
Tania M. J. Aiello-Vaisberg  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Brasil

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo sobre a mãe que abandona o bebê. Justifica-se no contexto do reconhecimento de que o fenômeno do abandono infantil encontra, em nosso país, vinculado ao fato de largos contingentes populacionais viverem em condições de precariedade social, o que cria um grave problema relativo à proteção e guarda de crianças e adolescentes. Organiza-se como estudo qualitativo de 44 notícias jornalísticas acessíveis em *site* que reproduz notícias publicadas em jornais impressos. A consideração deste material permitiu a produção interpretativa de um campo de sentido afetivo-emocional, "*Sub Judice*", que contém três subcampos: "Mãe malvada", "Mãe desesperada" e "Mãe drogada". O quadro geral indica que a mulher que abandona seu bebê figura no imaginário como autora de ato delinqüencial, que seria motivado por deficiências de caráter, que se expressam como crueldade ou como abertura para o uso abusivo de drogas, ou por dificuldade em enfrentar problemas. Cabe concluir que tais imagens podem comprometer a visão da condição da mulher como ser humano submetido a condições de precariedade socioeconômica e de desigualdade de gênero, que geram sofrimentos sociais importantes abrangendo desamparo, humilhação e injustiça.

**Palavras-chave:** abandono; criança abandonada; imaginário; maternidade; mulheres

### Abstract

This study aims to psychoanalytically investigate the collective imaginary about the mother who abandons her baby. It is important because child abandonment in our country is linked to poverty that can disrupt child-rearing practices. The research is organized as a qualitative study of 44 online versions of newspaper reports, whose psychoanalytical examination supports the interpretative production of an affective-emotional meaning field, "*Sub Judice*", composed of three sub-fields: "Evil mother", "Desperate mother" and "Drug addict mother". An overview on this picture indicates that the woman who abandons her baby is imagined as a criminal whose behavior is motivated by a deficiency of character, expressed as cruelty, a tendency to drug abuse, or a difficulty to cope troubles. It is important to note that these images might compromise the view of poor women as human beings submitted to precarious socioeconomic conditions and gender inequality, which leads to social suffering such as helplessness, humiliation and injustice.

**Keywords:** abandonment; abandoned child; imaginary; motherhood; women



### Resumen

El objetivo de este estudio es investigar psicoanalíticamente el imaginario colectivo sobre la madre que abandona a su bebé. Se justifica en el contexto del reconocimiento que el fenómeno del abandono infantil se encuentra, en nuestro país, relacionado con el hecho de que muchos grupos de la población viven en condiciones de precariedad social, lo que crea un grave problema con respecto a la protección y custodia de los niños y adolescentes. Se organiza como un estudio cualitativo de 44 noticias de la prensa accesibles en *site* que reproduce noticias publicadas en periódicos impresos. La consideración de este material permitió la producción interpretativa de un campo de sentido afectivo-emocional, "*Sub Judice*", que contiene tres sub-campos: "Madre malvada", "Madre desesperada" y "Madre drogada". El marco general indica que la mujer que abandona a su bebé figura en el imaginario como autora de un acto delinencial que sería motivado por deficiencias de carácter, que se expresan como crueldad o como apertura para el uso abusivo de drogas, o por dificultad para enfrentar los problemas. Se concluye que tales imágenes pueden comprometer la visión de la condición de la mujer como ser humano sometido a condiciones de precariedad socioeconómica y de desigualdad de género, que generan sufrimientos sociales importantes abarcando el desamparo, la humillación y la injusticia.

**Palabras clave:** abandono; niño abandonado; imaginario; maternidad; mujeres

### Introdução

Nesse trabalho, realizamos um estudo psicanalítico do imaginário sobre a mãe que abandona o bebê. Enfrentamos, hoje, um problema grave relativo à proteção e guarda de crianças brasileiras das classes desfavorecidas, cujas soluções disponíveis concentram-se na internação em abrigos e, quando há sorte, no acolhimento ou na adoção por famílias.

Vale lembrar, que dificilmente certas crianças chegam a ser adotadas, a depender de sua saúde, idade, cor, sexo, irmandade, entre outros fatores. Ademais, o próprio processo de adoção é algo complexo, resultante habitualmente em nosso país do drama da infertilidade, com implicações envolvendo preconceito e exclusão (Ferreira, 2006; Pontes, Cabreira, Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2008).

De todo modo, o fenômeno do abandono infantil caracteriza-se por inegável complexidade, diante da qual se torna fundamental que sua investigação leve em conta as condições concretas nas quais reprodução e maternidade são vivenciadas. Afinal, a possibilidade de escolher por engravidar e criar um filho depende de uma série de circunstâncias e não está acessível a todas as mulheres, principalmente àquelas que se encontram em situações de pobreza extrema.

No Brasil, adotamos o modelo segundo o qual a proteção e guarda das crianças correm sob responsabilidade do casal parental. Como sabemos, ainda que a prematuridade biológica do ser humano seja um fenômeno universal (Lieberman, 2013), as práticas de cuidado infantil diferem segundo as culturas, bem como ao longo do tempo (Badinter, 1980). Exemplo interessante desta variedade pode ser encontrado nos estudos de Gottlieb (2009) que,



pesquisando os hábitos dos Beng, na Costa do Marfim, defrontou-se com o que podemos chamar de parentalidade comunitária, que consiste no fato dos cuidados aos bebês e crianças pequenas serem compartilhados entre adultos e crianças maiores, independentemente da maior ou menor proximidade em termos de parentesco.

O modelo da família nuclear apresenta, sem dúvida, certa fragilidade, na medida em que coloca uma pesada carga sobre os ombros do casal parental. Quando persiste entendimento entre os cônjuges, quando problemas tais como doenças graves ou precariedade financeira não ocorrem, este arranjo pode revelar-se relativamente satisfatório. Contudo, quando imperam, para largos contingentes populacionais, situações de pobreza profunda, muitas famílias não conseguem cumprir o programa esperado, qual seja, prover e cuidar dos filhos, conforme previsto como sua responsabilidade civil.

Se o modelo preconizado é o da família nuclear, no âmbito do qual marido e mulher dividem tarefas, não há como negar que na prática a maior parte da responsabilidade pela limpeza e manutenção da casa e do vestuário, bem como pela alimentação de todos recai sobre a figura feminina que, nos tempos atuais também contribui ativamente com o sustento familiar (Frost, Capdevila & Johnson, 2015). Estamos, portanto, diante de um cenário fortemente marcado por questões de gênero, que acarretam sobrecarga da mulher, prejudicando o exercício da função materna. Atravessando todas as classes sociais, as diferenças de gênero acabam tornando a vida da mulher pobre ainda mais difícil.

Podemos, então, afirmar que a desigualdade social vem prejudicando o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes das classes desfavorecidas. O reconhecimento deste fato se encontra na origem da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069, 1990, 13 de julho)<sup>1</sup>, um instrumento de inegável valor, que pode contribuir para uma maior consciência sobre direitos humanos das parcelas mais jovens da população, mas que, sozinho, não tem poder de transformar a vida concreta.

Pesquisas realizadas no Brasil, tais como os estudos de Mello & Dias (2003), Soejima & Weber (2008), Mariano & Rosseti-Ferreira(2008) e Rossetti-Ferreira e outros (2012), têm apontado consistentemente que mulheres que entregam bebês para adoção encaixam-se predominantemente em um perfil demográfico que se define a partir das seguintes características: baixa escolaridade, baixa renda, idade variando entre 15 e 25 anos, estado civil de solteira, situação ocupacional precária e uso de drogas, configurando o que vem sendo convergentemente compreendido como vulnerabilidade social. Por outro lado, estudos que abordam as condições que favorecem a decisão de separar-se do bebê enfatizam a importância de questões políticas, econômicas, históricas, bem como condições sociais e psicológicas que rodeiam a vida da mãe contribuindo para o ato do abandono ou entrega para adoção (Motta, 2005; Fernandes, Lamy, Morsch, Lamy Filho & Coelho, 2011; Lima, 2011;

---

<sup>1</sup> O ECA é um instrumento legal que visa garantir os direitos de crianças e jovens, mas a obediência efetiva às suas determinações se dá, na prática, de modo ainda precário.



Fonseca, 2012). É nesse contexto que deve ser considerada a condição de mulheres brasileiras que abandonam recém-nascidos, situando-as concretamente (Rutherford, Capdevila, Undurti & Palmary, 2011).

Indubitavelmente, tendo em vista o cumprimento da lei, faz-se necessário proceder, em situações de abandono, a um registro criminal relativo à origem desconhecida do infante. Tal registro, por sua vez, vai se constituir, para a mídia, como um parceiro, a ser usado para informar a sociedade civil sobre tais ocorrências<sup>2</sup>.

### **O imaginário coletivo, a pesquisa psicanalítica e a mídia**

A presente pesquisa delinea-se como investigação qualitativa, que adota o método psicanalítico, seguindo concepções epistemológicas afinadas com Politzer (1928/1994) e Bleger (1963), autores que defendem uma psicologia concreta que mantenha contato maximamente próximo ao acontecer humano, evitando abstrações.

O conceito base, aqui utilizado, é o de imaginário coletivo, noção forjada no contexto da percepção de certas insuficiências do conceito de representação social, apontadas por Giust-Desprairies (2002), que se fazem, a seu ver, mais sérias quando o interesse do pesquisador não se limita a considerações de caráter cognitivo-social para abarcar dimensões afetivo-emocionais, eventualmente não conscientes.

O imaginário coletivo é aqui concebido como ato humano, vale dizer, como *conduta*, no sentido que o conceito assume em Bleger (1963), autor comprometido com a proposta de uma psicologia psicanalítica de cunho concreto, dramático e vincular. A conduta, nesta particular acepção, abrange manifestações individuais e coletivas, que se expressam segundo três diferentes áreas: a área mental ou simbólica, a área corporal e a área da atuação no mundo externo.

Correspondendo a um vasto conjunto de comunicações, a mídia deve ser concebida, nessa perspectiva, como fenômeno que se manifesta na terceira área de expressão, na medida em que corresponde a produto de atos humanos que se objetiva no mundo externo. Assim sendo, o texto midiático jornalístico pode ser pensado como conduta que, visando a circulação de informação na sociedade contemporânea, veicula muitos sentidos, dentre os quais destacamos, em função do nosso interesse, aqueles cujo caráter é afetivo-emocional. Seu conteúdo expressa, assim, dramas humanos concretos, permitindo a construção de um rico material de pesquisa psicanalítica.

Como condutas, notícias jornalísticas podem ser abordadas como objeto de estudo desde diferentes perspectivas. É o que encontramos na base de dados Scielo, quando

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que a utilização do termo “abandono”, nesse trabalho, não implica em denúncia julgadora da ação da mãe, como discute Motta (2005), mas uma tentativa de discriminar o “deixar o bebê”, sem a intenção declarada de que ele seja adotado, do “entregar o bebê”, a pessoas ou instituições, formal ou informalmente, o que indica uma intenção de favorecer acolhimento e/ou adoção futura.



realizamos um breve levantamento, buscando pelos indexadores “mídia” - nos *títulos* - e “notícias” - em *todos os índices*. Alcançamos, assim, 22 retornos de artigos<sup>3</sup>, de diferentes áreas de conhecimento, tais como administração, ciências políticas, economia, educação, enfermagem, linguística, medicina, psicologia e sociologia.

As pesquisas encontradas fazem uso de material midiático e descrevem estudos com diferentes metodologias, em sua maioria qualitativas. Dentre elas, encontramos pesquisas documentais ou descritivas, diferenciando-se na forma de análise dos resultados, como análise de conteúdo, crítica de discurso, entre outras.

No presente trabalho, realizamos uma pesquisa qualitativa psicanalítica sobre inconscientes relativos, ou campos de sentido afetivo-emocional (Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011; Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013) visando produzir conhecimento interessante sobre o imaginário coletivo acerca da mãe que abandona seu bebê.

### **Estratégias e procedimentos metodológicos**

Nessa investigação, operacionalizamos o método psicanalítico em termos dos procedimentos investigativos de configuração, seleção e interpretação do material pesquisado. Seguimos, portanto, uma tradição de trabalhos que operacionalizam o método psicanalítico em estudos de imaginários sobre doentes mentais, deficientes, adolescentes, crianças adotivas, negros, entre outros, abrangendo diferentes grupos de participantes de pesquisa, como profissionais da saúde básica e mental, universitários e professores (Tachibana, Montezi, Barcelos, Sirota & Aiello-Vaisberg, 2015). Na mesma linha de pesquisa, também vem sendo criadas outras configurações no estudo psicanalítico de imaginários, caracterizadas pelo encontro com materiais culturais, entre eles, obras de arte, músicas, filmes e documentários (Chinalia, 2012; Montezi, Barcellos, Ambrósio & Aiello-Vaisberg, 2013).

No presente trabalho, o procedimento investigativo de configuração do material se constituiu pelo encontro com um material expressivo, que se manifesta socialmente no mundo jornalístico. São notícias publicadas sobre a mãe que abandona seu bebê, disponíveis na mídia em um *site* de notícias.

Escolhemos a mídia jornalística disponível na *web* como fonte de material de investigação, considerando o crescente aumento de usuários da internet no Brasil, como nos mostra a pesquisa sobre mídia brasileira (Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 2014). Esse estudo aponta a internet como um dos meios de comunicação que mais capta a atenção dos leitores, destacando os sites mais acessados pelos internautas:

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada em 28 de fevereiro de 2015.



“Facebook”, liderando com 63,6%, “Globo.com” (7%), “G1” (5,6%), “Yahoo” (5%) e “Youtube” (4,9%) e “UOL” (4,8%).

Interessante para nosso estudo, o site “Globo.com” concentra notícias veiculadas em jornais impressos e virtuais, englobando-as. Seleccionamos este o site como fonte de pesquisa, na medida em que a leitura de suas notícias provavelmente faz parte do cotidiano de um número expressivo de pessoas. Para nossa pesquisa, não nos interessamos, portanto, pelos sites de redes sociais, como o Facebook, por não priorizarem a divulgação de notícias jornalísticas.

O procedimento investigativo de seleção do material efetuou-se em três passos. Como primeiro passo, buscamos notícias, selecionando, na página principal do *site* em estudo, o item “notícias”. Desta forma, restringimos nosso levantamento ao campo jornalístico. O segundo passo consistiu na escolha de período de exploração, que delimitamos de “01 de janeiro de 2013 a 31 dezembro de 2014”. A seguir, como terceiro passo, lançamos as seguintes palavras-chaves: “abandono de bebês”, “abandono de crianças”, “abandono infantil”, “mãe que abandona bebês”, “bebês para adoção”.

Finalmente, o procedimento investigativo de interpretação do material seguiu os passos constitutivos do método psicanalítico. Deste modo, realizamos repetidas exposições às notícias sobre mães que abandonam seus bebês, lendo e relendo os textos. Essas leituras aconteceram em estado de atenção flutuante, com abertura para a associação de ideias e ressonâncias afetivo-emocionais, permitindo que as pesquisadoras fossem tocadas emocionalmente pelas notícias.

O processo interpretativo pode ser melhor descrito com o recurso às recomendações norteadoras de Herrmann (1979/1991), que descrevem com clareza como atenção flutuante e associação de ideias podem ser colocadas em marcha: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido”. Esses três momentos se configuram a partir do impacto afetivo-emocional que o material estudado - conjunto de condutas - gera no pesquisador/psicanalista. Tal aspecto foi bastante bem demonstrado e discutido por Devereux (1980), autor que insistiu sobre a importância heurística do incômodo, da inquietação, em última instância, da angústia do pesquisador no processo de produção de conhecimento sobre o humano. A seu ver, a subjetividade dos pesquisadores, longe de se constituir como obstáculo, deve ser considerada como pedra angular de todas as ciências humanas.

Na presente pesquisa, o uso do método permitiu-nos produzir interpretativamente campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, que correspondem aos determinantes lógico-emocionais subjacentes às condutas. Vale lembrar que os campos foram interpretados segundo uma perspectiva que concebe o inconsciente como campo intersubjetivo, vale dizer, como dimensão que se dá “entre” pessoas e não como instância psíquica individual.



## Campos de sentido afetivo-emocional

As palavras-chaves utilizadas resultaram em um total de 93 notícias sobre abandono de bebês. Dessas notícias apenas 44 remetiam seu conteúdo à mãe que abandonou o bebê. As 49 restantes foram excluídas pois não faziam alusão à mãe, para apenas situar a condição ou o local do abandono do bebê.

A consideração psicanalítica do conjunto das notícias selecionadas permitiu a produção interpretativa de um campo maior, que denominamos “*Sub Judice*”, e de três subcampos derivados: “Mãe malvada”, “Mãe desesperada” e “Mãe drogada”.

O campo de sentido afetivo-emocional “*Sub Judice*” organiza-se ao redor da crença de que a mulher que não cuida do próprio bebê seria uma criminosa. Selecionamos uma associação abaixo para exemplificar esse campo:

*Caso seja confirmado o crime, ela será punida com o peso da lei, concluiu o juiz.*

O subcampo que denominamos “Mãe malvada” organiza-se ao redor da crença de que o ato do abandono seria monstruoso e só poderia ser realizado por uma pessoa de caráter cruel.

*Uma pessoa com uma tal crueldade dessa não deveria ser chamada de ser humano.*

O subcampo campo “Mãe desesperada” se organiza ao redor da crença de que o ato de abandono do bebê derivaria de uma experiência emocional de desespero.

*[ a mãe ] disse estar arrependida e alegou ter abandonado a criança em um momento de fraqueza, já que o bebê seria fruto de uma relação extraconjugal.”*

O subcampo “Mãe drogada” organiza-se ao redor da crença de que a mãe que abandona seu bebê é usuária de drogas.

*[ a mãe ] estaria em situação de rua, consumindo bebidas alcoólicas e drogas.*

## Discussão

A figura maternal, na vigência do campo “*Sub judice*”, já está condenada como criminosa no imaginário manifestado pelas notícias que estudamos, que assim coincide com o que diz a lei brasileira. O que parece estar ainda em processo de decisão corresponde ao que podemos conceber como fatores agravantes ou atenuantes. Estes se expressam por meio do que aqui consideramos como subcampos.

Contudo, antes de tecermos comentários sobre os três subcampos, e seu sentido agravante ou atenuante do abandono do recém-nascido, pensamos ser importante considerar as diferenças entre mãe e pai que abandonam bebês. Constatamos que, de fato, o pai do bebê abandonado é aparentemente esquecido e raras vezes mencionado no contexto das notícias midiáticas, como observou Lima (2011), em dissertação sobre mães, defendida na área do



serviço social. Parece oportuno lembrar que pais que abandonam seus filhos podem ser judicialmente convocados a assumir suas responsabilidades, afetivas e materiais. Entretanto, o fato em si de se afastarem, ou se absterem de qualquer participação na vida, no cuidado e na proteção dos filhos, não os coloca numa posição “*Sub Judice*” do mesmo modo que a mãe.

O fato de mãe e pai serem tão diferentemente considerados, diante do abandono da criança, aponta um problema complexo, presente na intersecção entre desigualdades social e de gênero, ambas perpetuadas em nossa sociedade, sob as quais a mulher é oprimida e exigida. Ao responder pelo provimento e bom cuidado da família, sem equidade, restariam à mulher sobrecarga, da qual derivam problemas no cuidado das crianças (Freitas e outros, 2009; Moutinho, 2014) ou algumas possibilidades de transformações (Oswald-Spring, 2013; Serrano, 2013; Gianordoli-Nascimento e outros, 2015).

Entretanto, tendo em mente que o abandono do bebê coloca a mãe “*Sub Judice*”, enquanto o pai nem sequer é lembrado, prosseguiremos nossas considerações retomando os subcampos como expressão do modo como se dá o julgamento da mulher concebida como criminosa.

No contexto do subcampo “Mãe-malvada”, o crime cometido pesa ainda mais na medida em que é imaginado como ação perpetrada com frieza, a partir de determinação livre e maléfica. As condutas imaginativas apontam, aqui, para maldade e crueldade maternas aparentemente imotivadas, que surgiriam no contexto de subjetividades em si mesmas perversas. Não há espaço para contextualização de dificuldades dramáticas, relativas às condições concretas do viver, que poderiam se constituir como obstáculos ao cumprimento do dever civil de cuidar dos filhos.

Podemos compreender que a visão da mãe que abandona o bebê pode realmente gerar fortes impactos emocionais, justamente porque idealizamos a família nuclear – e o amor materno (Badinter, 1980). Podemos imaginar que uma eventual recusa de cuidado do bebê poderia ser vivida de um modo muito diferente do que se ocorresse em outros contextos sociais e culturais (Gottlieb, 2009). Na vida tribal, muitas mulheres estão aleitando o tempo todo, de modo que se aquela que deu à luz não quiser/puder fazê-lo, a situação seria resolvida com enorme facilidade. O mesmo poderia acontecer, e certamente já aconteceu, na família extensa, quando a convivência entre muitas irmãs, primas, cunhadas e sobrinhas, em espaços próximos, permitia que ajudas mútuas, com várias formas de cuidados, incluindo aleitamento, fizessem parte do cotidiano.

No campo da “Mãe malvada” está presente, como vimos, a ideia de monstrosidade. Converte, neste sentido, com o que tem encontrado outros pesquisadores, tais como Lima (2011) e Tachibana (2011). Sob uma diferente perspectiva metodológica, mas também investigando material midiático, a primeira (Lima, 2011) associa a imagem da mãe que abandona o filho a certa monstrosidade, no sentido de que a mãe que abandona ou desiste do filho é culpabilizada, sem nenhuma contextualização das suas condições dramáticas de



vida, tal como a pobreza, o abandono pelo marido ou pelo pai da criança e a necessidade de prover sustento e cuidado dos filhos em crescimento. A segunda (Tachibana, 2011), estudando o imaginário de enfermeiras sobre a mulher que vive o aborto, chegou a achados bastante interessantes. Sua pesquisa revelou que toda interrupção de gestação, mas mais acentuadamente aquela que se faz voluntariamente, é concebida como rejeição malévola, perversa, monstruosa. Cabe aqui lembrar que a própria noção de monstro faz apelo a ideia de que o afastamento da estrutura ou conformação natural dos seres de sua espécie provocaria horror e incitaria, por este motivo, movimentos de ataque ou fuga. Nesse sentido, o monstro não pode ser compreendido; ele é um erro.

O subcampo “Mãe desesperada” se contrapõe ao “Mãe malvada”, na medida em que se inscreve como fator atenuante do crime. Sob sua vigência, o abandono do recém-nascido, mesmo compreendido como criminoso, é visto como ato humano, vale dizer como ação que, pertencendo ao acontecer humano, pode ser compreendida. Aqui ultrapassamos o que está em jogo no subcampo “Mãe malvada”, que é uma visão muito mais caracterológica, que subjaz à imagem do monstro. O monstro, vale ressaltar, é uma aberração em si mesmo, um erro, algo que por definição nos lança para fora do humano.

Quando transitamos por um campo em que a conduta humana é pensada como motivada por acontecimentos da vida, descortinamos a possibilidade de considerar dramas nos quais se entretecem eventos tais como o abandono do recém-nascido. Surgem, assim, narrativas que, como lembra Politzer (1928/1994), são o modo como a dramática do viver espontaneamente se expressa. As histórias podem ser duras e sofridas, mas são compreensíveis. Podemos, então, ser apresentados ao caso da moça cujo filho é fruto de uma relação extraconjugal bem como à história daquela que tentou o suicídio porque acredita não ser jamais perdoada pela família em função da gravidez. Na mesma linha, entramos em contato com a desventura da moça que engravidou do próprio pai que a forçou a jogar o bebê no lixo.

Como vimos, não enfrentamos maiores dificuldades para entender as diferenças existentes entre os dois subcampos, “Mãe malvada” e “Mãe desesperada”, contrapostos enquanto concepções caracterológica e dramática, que excluem ou incluem a vida humana enquanto sucessão de experiências emocionais. Entretanto, a situação talvez se torne um pouco mais complexa quando focalizamos o subcampo “Mãe drogada”.

As configurações imaginativas acerca da mãe que usa drogas abordam tal condição de modo a transitar entre as concepções caracterológica e dramática.

Subscrevendo a primeira concepção, algumas notícias referem-se à condição do uso da droga como inerente da própria mulher/mãe, no sentido de ser imotivado; de não se apresentar como problema de vida mas como defeito de caráter. Em outros termos, a recorrência à droga aparece como algo que se pode explicar, mas não se pode compreender, como ação que derivaria de uma afetação do vivido pela irrupção do biológico (Jaspers,



1910/1979; Aiello-Vaisberg, 1999). Em algumas notícias, que versam sobre o problema do *crack* e da bebida alcóolica na vida da mãe, há apontamentos retratando-a como drogada, bêbada ou dependente à guisa de explicação para o comportamento de abandono do bebê. Hábitos aditivos, decorrentes de defeitos de caráter, explicariam o descuido e a negligência em relação ao filho. Nestes casos, o texto noticioso discorre sobre histórias de bebês encontrados em bares, abandonados em seus carrinhos, enquanto suas mães se teriam ausentado por motivos fúteis. Por outro lado, o uso de drogas pode figurar de modo diferente, na medida em que é vinculado às condições dramáticas do viver da mulher. Nestes casos, a usuária é habitualmente descrita como vítima de humilhação e desamparo social. Podemos encontrar essa imagem quando notícias trazem a experiência conturbada da mãe que tenta se livrar das drogas para não perder a guarda de dois filhos, em um contexto no qual já perdera a guarda de outros quatro filhos. Ou em textos jornalísticos que descrevem os graves problemas relativos ao desamparo e às carências das usuárias de *crack*, que em momentos de fissura abandonam, de fato, o bebê. Nesse enredo, somos confrontados com a mãe drogada “limpa”, que tenta se modificar ou teria motivos para tanto vício, sendo compreendida na medida que é vítima de condições desumanas.

Como vemos, ocorre uma polarização entre imaginários relativos à mãe drogada. De um lado, aparece a mulher maldosa, que se torna dependente química por defeito de caráter, algo que converge com o que pesquisas sobre imaginário de profissionais de saúde mental apresentam, em relação aos usuários de drogas (Simões & Aiello-Vaisberg, 2010; Simões, 2012). Do outro lado, o reconhecimento do drama se vincula, de modo quase imediato, ao reconhecimento de uma vitimização, que certamente focaliza uma dimensão fundamental do problema mas que, pelo seu esquematismo, pode também conter algumas ingenuidades.

Os campos interpretados possibilitaram alimentar nossa ideia de que problemas sociais, como a pobreza e o desamparo social, bem como a desigualdade de gênero, de que deriva uma sobrecarga da mulher, encontram-se na base da constituição de dramas sofridos de abandono de bebês. Isso não significa que acreditemos não ocorrerem problemas deste tipo em condições de maior estabilidade material. Sem dúvida, há casos de abandono em tais condições, mas vale lembrar que justamente quando há estabilidade, provavelmente, as próprias famílias encontram variadas soluções para seus problemas. Deste modo, consideramos que seria fecundo, do ponto de vista da produção de conhecimento, se pudéssemos inserir o tema do abandono de recém-nascidos, bem como dos imaginários que suscita, no âmbito do estudo dos sofrimentos sociais, vale dizer, daqueles que, constelados a partir de condições concretas, provocam sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça (Renault, 2008).

Finalizamos destacando outro problema, a ser estudado em pesquisas futuras, relativo ao cenário de julgamento sobre a mãe que abandona seu bebê, que diz respeito a



consequências que podem afetar o destino da criança, em termos de seu acolhimento e adoção.

## Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP.
- Ambrosio, F. F., Aiello-Fernandes, R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. Em *Anais Jornada Apoiar Adolescência: Identidade e sofrimento na clínica social, XI*, (pp.174-188). São Paulo: Instituto de Psicologia da USP.
- Badinter, E. (1980). *L'amour en plus: histoire de l'amour maternel XVIIeme- XXeme*. Paris: Flammarion.
- Bleger, J. (1963). *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires: Paidós.
- Chinalia, M. J. S. (2012). *Mulheres na prisão: estudo psicanalítico de um documentário brasileiro*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Devereux, G. (1980). *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion.
- Ferreira, M. C. (2006). *Encontrando a criança adotiva: um passeio pelo imaginário coletivo de professores à luz da psicanálise*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Fernandes, R. T., Lamy, Z. C., Morsch, D., Lamy Filho, F. & Coelho, L. F. (2011). Tecendo as teias do abandono: além das percepções das mães de bebês prematuros. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], 16(10), 4033-4042. Recuperado em 20 de setembro, 2015, de [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011001100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011001100008&lng=en&nrm=iso)
- Fonseca, C. (2012). Mães "abandonantes": fragmentos de uma história silenciada. *Revista Estudos Feministas*, 20(1), 13-32. Recuperado em 20 de setembro, 2015, de [periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100002/21848](http://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100002/21848)
- Freitas, W. M. F., Cavalcante da Silva, A. T. M., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N. T., Lucena, K. D. T. & Teixeira, A. P. C. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 85-90.
- Frost, N., Capdevila, R. & Johnson, S. (2015). Special issue of women's studies international forum: choosing mothering? The gendering of agency. *Women's Studies International*



*Forum*, 53, 103-106. Recuperado em 28 de agosto, 2015, de [dx.doi.org/10.1016/j.wsif.2015.02.001](https://dx.doi.org/10.1016/j.wsif.2015.02.001)

Gianordoli-Nascimento, I. F., Oliveira, F. C., Cruz, J. P. D., Freitas, J. C., Reis, D. B., Santos, T. L. A. & Mendes, B. G. (2015). Representações sociais de “ser mulher militante”: as imbricações entre geração e gênero na trajetória de militância de mulheres durante a ditadura militar brasileira. *Memorandum*, 28, 110-131. Recuperado em 28 de agosto, 2015, de [www.fafich.ufmg.br/memorandum/a28/gianordolinascimentoetalii02](http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a28/gianordolinascimentoetalii02).

Giust-Desprairies, F. (2002). Représentation et imaginaire. Em J. Barus-Michel, E. Enriquez & A. Lévy. (Org.s). *Vocabulaire de psychosociologie* (pp. 231-250). Paris: Eres.

Gottlieb, A. (2009). Para onde foram os bebês?: em busca de uma antropologia de bebês (e de seus cuidadores). *Psicologia Usp*, 20(3), 313-336. Recuperado em 28 de agosto, 2015, de [www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42002](http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42002)

Granato, T. M. M., Corbett, E. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 16(1), 157-163. Recuperado em 28 de agosto, 2015, de [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722011000100018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000100018)

Herrmann, F. A. (1991). *Andaimos do real: o método da psicanálise* (2a ed.). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1979).

Jaspers, K. (1979). *Psicopatologia geral* (S. P. Reis, Trad.). Rio de Janeiro: Atheneu. (Original publicado em 1910).

*Lei n. 8.069* (1990, 13 de julho). Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Câmara dos Deputados. Recuperado em 20 de setembro, 2015, de [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)

Lieberman, D. E. (2013). *The story of the human body*. New York: First Vintage.

Lima, A. X. S. (2011). *Mães más: um olhar sobre o abandono*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

Mariano, F. N. & Rossetti-Ferreira, M. C. (2008). Que perfil da família biológica e adotante, e da criança adotada revelam os processos judiciais? *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online]., 21(1), 11-19. Recuperado em 28 de agosto, 2015, de [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722008000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000100002&lng=en&nrm=iso).

Mello, I. S. P. B. & Dias, C. M. S. B. (2003). Percepção de homens e mulheres acerca de quem entrega um filho para adoção. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(3), 76-83. Recuperado em 28 de agosto, 2015, de [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932003000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100011)

Montezi, A. V., Barcellos, T. F., Ambrósio, F. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Linha de passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19(1), 74-



88. Recuperado em 28 de Agosto, 2015, de [pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682013000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682013000100007)
- Motta, M. A. P. (2005). *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção* (2a ed.). São Paulo: Cortez.
- Moutinho, L. (2014). Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cadernos Pagu*, 42, 201-248. Recuperado em 28 de agosto, 2015, de [dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420201](http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420201)
- Oswald-Spring, U. (2013). Dual vulnerability among female household heads. *Acta Colombiana de Psicología*, 16(2), 19-30. . Recuperado em 28 de agosto, 2015, de [www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-91552013000200002](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552013000200002)
- Politzer, G. (1994). *A crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise* (M. Marcionilo & Y. M. C. T. da Silva, Trad.s). Piracicaba, SP: Unimep. (Original publicado em 1928).
- Pontes, M. L. S., Cabreira, J. C., Ferreira, M. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 495-502. Recuperado em 28 de agosto, 2015, de [www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000300010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000300010&script=sci_abstract&tlng=pt)
- Renault, E. (2008). *Souffrances sociales*. Paris: La Découverte.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Almeida, I. G., Costa, N. R. A., Guimarães, L. A., Mariano, F. N., Teixeira, S. C. P. & Serrano, S. A. (2012). Acolhimento de crianças e adolescentes em situações de abandono, violência e rupturas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 390-399. Recuperado em 04 de dezembro, 2014, de [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722012000200021&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722012000200021&script=sci_arttext).
- Rutherford, A., Capdevila, R., Undurti, V. & Palmary, I. (2011). Feminisms and psychologies: multiple meanings, diverse practices, and forging possibilities in a age of globalization. Em A. Rutherford, R. Capdevila, V. Undurti & I. Palmary (Org.s). *Handbook of international Feminism: perspectives on psychology, women, culture and rights* (pp. 3-14). New York: Springer.
- Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. (2014). *Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília, DF: Autor.
- Serrano, S. E. (2013). The potential of social representations theory (SRT) for gender equitable research. *Acta Colombiana de Psicología*, 16(2), 63-70. Recuperado em 04 de setembro, 2015, de [www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-91552013000200006](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552013000200006)
- Simões, C. H. D. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). Cuidado com o malandro: imaginário coletivo de profissionais de saúde sobre a dependência química. Em *Anais Jornada Apoiar, VIII*, (pp. 291-296). São Paulo: Instituto de Psicologia da USP.



Simões, C. H. D. (2012). *Sofredores, impostores e vítimas da sociedade: imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

Soejima, C. S. & Weber, L. N. D. (2008). O que leva uma mãe a abandonar um filho? *Aletheia*, 28, 174-187. Recuperado em 04 de dezembro, 2014, de [psic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942008000200014](http://psic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200014)

Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

Tachibana, M., Montezi, A. V., Barcelos, T. F., Sirota, A. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). Who are the teenagers of today?: collective imaginary of Brazilian teachers. *International Journal of Information and Education Technology*, 5(1), 47-49. Recuperado em 04 de setembro, 2015, de [www.ijiet.org/show-50-526-1.html](http://www.ijiet.org/show-50-526-1.html)

#### Nota sobre as autoras

*Marcela Casacio Ferreira-Teixeira*, psicóloga e pós-doutora PNPd/CAPES pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: [marcelacasacio@uol.com.br](mailto:marcelacasacio@uol.com.br)

*Tania M. J. Aiello-Vaisberg*, psicóloga, livre-docente pela Universidade de São Paulo e docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: [aiello-vaisberg@gmail.com](mailto:aiello-vaisberg@gmail.com)

Data de recebimento: 19/11/2015

Data de aceite: 10/09/2017